

“Negociações longas e difíceis com o FMI”

por Getúlio Bittencourt
de Washington

A missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) que já está no Brasil fazendo consultas pelo artigo 4º, que prevê consultas regulares sobre o estado da economia nos países-membros, transformou-se desde ontem numa missão de negociação de um acordo “stand by”.

“O supervisor do Brasil no Fundo, sr. (Thomas) Reichmann, e seu futuro substituto, o argentino José Fajgenbaum, seguem amanhã para o Brasil, juntando-se aos técnicos que já estão lá”, confirmou a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, no início da noite desta terça-feira, depois de sua conversa de uma hora com o diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus.

A professora Zélia admitiu, depois do encontro, que sua previsão sobre o acordo do Brasil com o Fundo mudou de um dia para o outro. Ao chegar, ela previa “negociações longas e difíceis” com a instituição, particularmente em torno de índices realistas para a inflação brasileira.

“Altera sim”, disse ela, quando indagada se o contato com Camdessus modificará sua percepção do tema; “a expectativa agora é de que possamos fazer o acordo no prazo mais rápido possível. Eu disse ao diretor-gerente do Fundo da determinação do presidente Collor de resolver rapidamente o problema da dívida externa. E como o acordo com o Fundo é importante neste contexto, nossa intenção é conseguir o mais rápido possível”, afirmou a ministra.

Antes de iniciar formalmente a negociação do acordo, a ministra e Camdessus conversaram sobre os números da economia brasileira em 1990 e sobre a conjuntura atual. Mas não foi apenas ela que modificou sua impressão inicial e fez previsões superadas. “Eu não vou dar nenhuma manchete hoje, vocês vão ter que inventar uma”, disse um sorridente Camdessus na entrada da reunião.

Na entrevista em que antecipou os temas da reunião do comitê interino, o

(Continua na página 24)

O Brasil vai apresentar aos bancos comerciais duas novas opções no capítulo para negociar o principal da dívida externa, afirmou na quarta-feira o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris. Serão dois bônus, ou outros instrumentos, que permitam a redução do principal ou a redução da taxa de juro, como previsto no Plano Brady, para os bancos que desejam sair do risco Brasil.

(Ver página 24)

“Negociações longas e difíceis...”

por Getúlio Bittencourt
de Washington
(Continuação da 1ª página)

diretor-gerente afirmou que o Brasil, para ter um acordo com o Fundo, precisaria também ter “finalizado” um acordo com os bancos comerciais, “não somente sobre os atrasados, mas também sobre o futuro”.

As declarações do secretário do Tesouro, Nicholas Brady, e seu subsecretário David Mulford, contudo, apoiaram a tese da ministra Zélia, de que as duas negociações — com o Fundo e com os bancos — devem ser simultâneas; isso modifica também a impressão inicial de Camdessus, e hoje parece um ponto definido.

A impressão de um alto funcionário do Departamento do Tesouro dos EUA, de que seu país acabará pressionando por um acordo com os bancos comerciais primeiro, surpreendeu ontem a ministra Zélia. “Não é o que o secretário Brady me disse. Tanto ele como o sr. Mulford consideraram lógico que, assim seja feito”, observou ela.

Um banqueiro com acesso ao comitê assessor disse na terça-feira a este jornal que a negociação simultânea com os bancos e com o Fundo não é uma novidade na história recente da dívida. Já aconteceu antes, em 1988, exatamente no caso do Brasil, “e não parece uma solução surpreendente agora”.